

## A MÃO DE TERESA

PEREIRA, Vinícius Carvalho<sup>3</sup> – UFMT

Resenha de CERDEIRA, Teresa Cristina. *A mão que escreve: ensaios de literatura portuguesa*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.

Da brancura e da palidez do rosto de uma Teresa, já escrevera Castro Alves, dando adeus à amada. Depois, sobre as pernas, a cara, os olhos e o corpo de outra Teresa, falou Bandeira, pilhando o primeiro verso do poeta romântico, com uma proposta estética outra.

A mim, porém, cabe falar de uma terceira Teresa. Ou melhor, da mão dessa Teresa, no rastro das metonímias mobilizadas na poesia brasileira a partir desse nome. E se é de cadeia metonímica que ora me ocupo, é só para partir da mão de Teresa para chegar ao que esta deita sobre o papel. Afinal, esta é a mão que escreve *A mão que escreve*, com o perdão do fácil trocadilho reiterando o sintagma que estrutura, como espinha dorsal, seu livro de *Ensaio de Literatura Portuguesa*.

*A mão que escreve – Ensaio de Literatura Portuguesa* congrega textos críticos

da autoria de Teresa Cristina Cerdeira, publicados desde 1998 até os dias de hoje, nos quais sobressaem linhas de força que desde sempre figuram nos interesses de pesquisa da autora: a escritura, o erotismo, a intertextualidade, entre outros. Esses temas aparecem ora combinados entre si, ora articulados a outras questões, mas se revelam presentes de maneira constante ao longo do volume, o que lhe garante coerência interna e permite que se construa, além do percurso de leitura inerente a cada ensaio, um arco exegético mais amplo, o qual perpassa o conjunto da obra como proposta de trabalho crítico.

Na envergadura de tal arco, a autora escolheu organizar suas reflexões em três grandes segmentos, no que nos ajuda a construir hipóteses interpretativas que transcendem a imanência de cada texto. Estes três segmentos – ou estações, se entendemos a obra inteira como um percurso de leitura – se intitulam “Literatura: eternidade e metamorfose”, “Literatura: correspondências” e “Literatura: escrita do corpo e escrita do eu”. Se as três perspectivas que aí se colocam sobre o literário têm algo de diferente, não é exatamente no procedimento exegético que a distinção se instala: nas três estações, a leitura se dá sempre na condição de trânsito entre instâncias que Teresa coloca em amorosa rede intertextual.

---

\* Doutor em Ciência da Literatura pela UFRJ. Professor do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem na UFMT. E-mail: [viniciuscarpe@gmail.com](mailto:viniciuscarpe@gmail.com)

O que distingue as seções, então, são os polos entre os quais se dá a travessia – tema tão caro à Literatura Portuguesa. Assim, na primeira parte a movência se dá entre a tradição e a modernidade, entre a monumentalização e a paródia, no processo da releitura dos clássicos e suas adaptações que marcou em larga medida a literatura do século XX. Por sua vez, na segunda estação grassam à deriva os fluxos interartísticos – da literatura à pintura, à música, ou ao que o valha –, em que as transposições semióticas atacam os sentidos daquele que lê. Por fim, na terceira parte da obra sobressai uma travessia que já se entrevia, ainda que menos evidente, nas duas primeiras seções: a oscilação entre o real e o ficcional, a terceira e a primeira pessoa, friccionando autoria, escrita e significação apenas para excitar o desejo de ver por trás da página uma silhueta do corpo que escreve.

De forma algo didática, descrevi brevemente acima as temáticas e as instâncias postas em diálogo no bojo de *A mão que escreve – Ensaios de Literatura Portuguesa*. Contudo, listar os autores cujas obras são analisadas no volume é tarefa bem mais difícil, pois, à medida que adentramos a obra, multiplicam-se os nós da rede intertextual.

Na contracapa, lemos grandes nomes da literatura portuguesa, como Luís de Camões, Jorge de Sena, David Mourão-Ferreira, Helder Macedo, Almeida Garrett, José Saramago, Inês Pedrosa, António Lobo Antunes, acompanhados de cineastas como Wim Wenders e Walter Salles. A tais nomes, no sumário do volume, acrescentam-se outros nos títulos e subtítulos (por vezes, metonimica-

mente aludidos no paradigma obra-autor), como Machado de Assis, Cesário Verde, José Cardoso Pires e Mário de Sá-Carneiro. Até aí, acompanhamos com relativa facilidade a “eleição crítica” (CERDEIRA, 2014, p.81) de Teresa, baseada em seus longos e profundos estudos de Literatura Portuguesa, mas também em suas paixões, como a autora deixa claro na apresentação da obra e na aforismática sentença: “só se escreve sobre o que se ama” (CERDEIRA, 2014, p.82). Com essa frase, a ensaísta justifica em larga medida o peso da mão que escreve sobre aquilo que é escrito, imprimindo-lhe traços de si numa relação de amor entre autor, texto e leitor. Transforma-se o amador na cousa amada?

Porém, ao penetrar de fato na leitura de cada ensaio, o percurso supracitado de amores literários – a serem lidos, gozados, estudados – devem aos olhos do leitor um labiríntico ludo de citações, em que se multiplicam as referências a outros textos e outros autores: plethora dos amores por que nos conduz a mão de Teresa. Dentro de cada ensaio, essa rede vai se ampliando, mobilizando outros autores para ler aqueles a que se dedica o texto crítico, num processo em que são chamados ao gabinete de leitura ficcionistas, ensaístas e poetas, como Guimarães Rosa, Fernando Pessoa, Harold Bloom, Teixeira-Gomes, Antoine Compagnon, Octavio Paz, Shakespeare, Marcel Proust, Bernardim Ribeiro e Roland Barthes, deixando aqui a lista muito incompleta, pelos limites de espaço a que o texto acadêmico se constringe e às dificuldades do amor de dizer todos os seus nomes. Não pouco significativo, então, é que o título

do último ensaio do livro seja “Tão longo amor, tão curta a vida – uma escrita de fantasmas”. Muitos são os amores literários de que nos escreve a mão de Teresa; curta é a vida, a página, a resenha, para mapeá-los todos. Deixemo-los, pois, em elipse.

Mas, nessa órbita de amores, há que se destacar um, não sei se mais antigo, ou mais fiel, mas certamente mais frequentemente mobilizado ao longo de *A mão que escreve: Ensaios de Literatura Portuguesa*. Falo, claro está, de Roland Barthes. O autor da célebre “Análise estrutural da narrativa” comparece em diversos ensaios da obra, não só em alusões mais diretas ou mais indiretas a textos antológicos como *Aula*, *Fragmentos de um discurso amoroso*, *O prazer do texto* e *S/Z*, mas também revisitado à guisa de procedimento exegético. A análise que de Teresa a mão escreve é sobretudo a de uma leitura barthesiana, em que a crítica se dá como ato erótico, em que o crítico “mais do que a obra de que fala, deseja sua própria linguagem” (BARTHES, 2007, p.8). O percurso textual se delinea, portanto, como a mão que palmilha incerta o desejo, mais do que como escrita que avançasse segura em hermenêutica positivista.

Ao chamar Barthes para sentar-se consigo à escrivantina, Teresa assume o risco de todo amante, que move boa parte das intrigas romanescas: não lhe ser integralmente fiel. O ensaísta francês, no breve e pujante texto “A morte do autor”, posicionara-se contra toda crítica psicologizante, ou de explicação da obra pela vida do escritor, nos moldes do que fizera Sainte-Beuve, ao que posteriormente se veio a chamar de falácia intencional. Ao

texto radical, segundo o qual o “nascimento do leitor tem de pagar-se com a morte do Autor” (BARTHES, 2004, p.64), seguiram-se outros de Barthes, de tom mais moderado, que recolocavam a escrita e a linguagem em relação com o corpo escrevente, mas a estes a academia nem sempre deu a devida atenção, preferindo por vezes o emblemático tom testamentário da morte do autor.

A mão de Teresa, nesse ponto, faz uma escolha e demarca claramente sua posição. Fica com o Barthes menos radical, enxergando que não é o autor a chave de leitura de um texto, mas sem perder de vista que o corpo que move a pena ou digita no teclado imprime, sim, algo de si. Desse rastro da pele, que roça a película da página, ficam impressões de um sujeito que ensinou o texto. Ou, em mais uma transposição da longa cadeia metonímica que toda crítica mobiliza, ficam as impressões digitais daquele que tocou o papel, como as que se notam na ilustração da capa de *A mão que escreve: Ensaios de Literatura Portuguesa*. Nesta, o artista gráfico foi feliz ao sobrepor a um fundo de geométrica padronagem verde e carmesim marcas de dedos que tocaram essa superfície. Na primeira capa, sobressai a padronagem, ao passo que na contracapa se aglomeram as digitais – elas também carmesins – em uma algaravia cromática que não nos permite distinguir com clareza o que é marca de dedo e o que é superfície. Ou o que é a mão que escreve e o que é escrito pela mão.

Tal procedimento pictórico capta bem a abordagem dos textos de que se compõe o volume, pois a ensaísta vai, ao longo de suas argutas análises, Tateando

grandes obras da literatura portuguesa para nos mostrar uma série de jogos entre a ficção e o real, a escrita do outro e a escrita de si, o eu transmutado em interposta pessoa, para ver, refratado no baço espelho da página, um fugidio reflexo distorcido de seus amores literários. Uma vez mais, goza-se então em estado de metonímia: ao ler o texto desses poetas e ficcionistas, entrevemos o rastro de suas mãos e o peso sobre o corpo do papel; daí, a tentar captar algo desses criadores de carne e osso, em suas criaturas de papel e tinta, é um sonho – gozo pleno jamais atingido – a que não se furta Teresa. Nem nós, que a lemos. Ou que lemos esses autores de literatura portuguesa em interposta escrita, pela mão de Teresa. Nisto, ponho-me a pensar quando deito o volume – agora

já lido – de volta à estante. Percorro-lhe a capa com os olhos e vejo novamente as impressões digitais: as de todos os autores a partir dos quais ali se escreve; as de Teresa, que sobre estes vem se debruçando ao longo dos anos, em profícua pesquisa; as minhas, enfim, dedos que afagaram as páginas da obra – mão que ora escreve – e finda – esta resenha.

### Referências

- BARTHES, Roland. *Crítica e verdade*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- . *O Rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- RUFFATO, Luiz. *Flores Artificiais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.